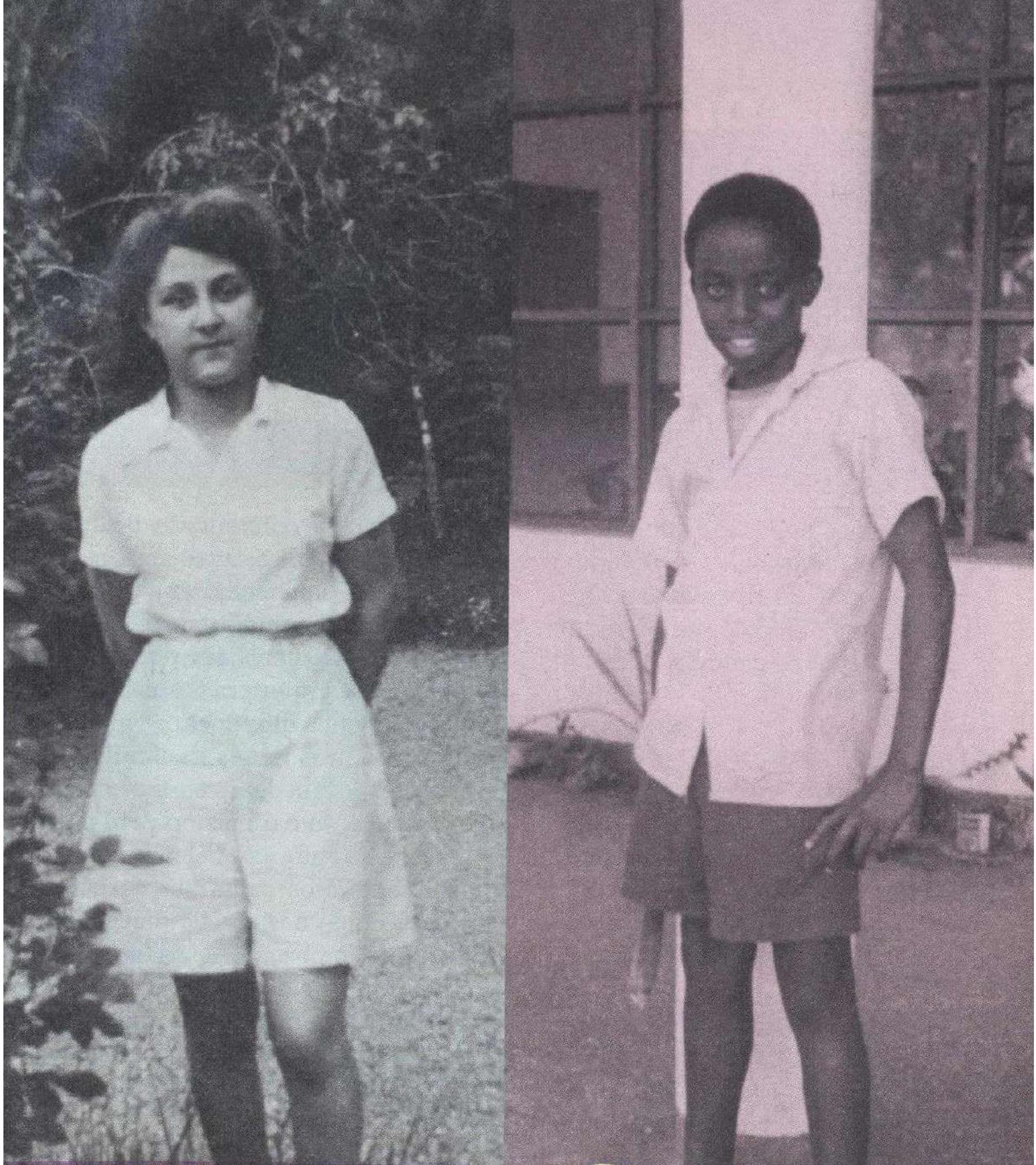


Um pai de luto.
Uma sobrevivente
do Holocausto.
Uma criança
mergulhada na
pobreza. Três
pessoas cujas
vidas estão
ligadas por um
pequeno ato
de caridade.

POR GARY SLEDGE

Obra do



destino

Quênia. Outubro de 1969. Sven Magnusson se espantou com o caos e as cores de Nairóbi. Homens e mulheres corriam para todo lado, alguns com trajes tribais coloridos, outros com pálidas roupas ocidentais. A expectativa pendia no ar enquanto multidões vindas do campo à procura de trabalho inundavam a capital da nação recém-independente.

Com apenas cinco anos de independência, o Quênia ainda se recuperava dos efeitos desastrosos do Levante de Mau Mau contra o domínio britânico.

Sven, 40 anos, veterano educador sueco, levara a família para o outro lado do mundo a fim de participar da reconstrução do Quênia. Diretor de uma escola de formação de professores em Västerås, na Suécia, ele se comovera profundamente com as pessoas, principalmente as crianças, desarraigadas pelo longo conflito. Sven acreditava que a educação seria a base do futuro do Quênia.

Quando lhe ofereceram emprego na Escola de Formação de Professores de Ciências do Quênia, em Nairóbi, Sven aproveitou a oportunidade de ser útil. Ele, a mulher, Karin, e os três filhos, Annika, 15 anos, Ola, 12, e Klas, 10, partiram para o Quênia. Sven ficou comovido com a extrema pobreza e as privações das aldeias perto de Nairóbi.

“Era de cortar o coração”, recorda, “principalmente as crianças. Elas ficavam lá sentadas, encostadas nas casas de barro, inquietas e ociosas.”

Sven estava convencido de que, com o tempo, ele e outros educadores conseguiriam melhorar a vida das crianças concentrando-se na educação infantil. Percebia que podia fazer algo positivo, que era a sua vez de ajudar e fazer a diferença.

Os primeiros meses da família no Quênia passaram depressa: uma época de empolgação e otimismo. “Foi num clima quase eufórico”, relembra Sven, “que decidimos passar os feriados de fim de ano nas praias imaculadas perto de Mombaça.” As crianças puseram roupa de banho na bagagem, e não esquis, e a família seguiu para as areias brancas cravejadas de palmeiras do Oceano Índico.

No caminho de volta, o carro caiu num buraco e capotou. Ola morreu aos 12 anos. Sven se perguntava como continuar após a perda de um filho.

Então decidiu que, tanto para ele quanto para a família, o melhor modo de se recuperar seria permanecer no país onde perdera o filho e cumprir o contrato de dois anos dedicando-se à educação das crianças do Quênia.

Quando a notícia da morte do jovem Ola chegou à Suécia, os colegas de Sven em Västerås reagiram com uma onda de solidariedade e ofertas de ajuda. Parecia adequado criar um fundo para sustentar o trabalho de Sven e homenagear a memória do seu filho. Pouco depois da tragédia em Mombaça, nasceu um fundo de doações para a educação de crianças quenianas: o Fundo Memorial Ola.

No início da nova década, o dinheiro obtido pelo Fundo Ola permitiu abrir uma pré-escola a 45 quilômetros de Nairóbi. Chamaram-na de Ndithiati, que significa “pare neste lugar”, porque antigamente os pastores descansavam e alimentavam o gado ali. Agora, esperava-se que fosse um ponto de partida para as crianças a caminho da escola pública.

Nos anos seguintes, o aumento espontâneo de doações particulares se transformou numa entidade formal que ligava patrocinadores suecos a estudantes quenianos específicos. Um dos primeiros doadores foi Hilde Back, professora da faculdade de Sven. Decidida e muito inteligente, Hilde era sobrevivente do Holocausto.

“Eu tinha 10 anos quando Hitler chegou ao poder”, recorda. Quando a

ameaça às famílias judias começou a crescer, os pais decidiram buscar um porto seguro para os filhos. Os dois irmãos mais novos de Hilde foram mandados para a Suécia em 1939, num programa chamado Kindertransport. Hilde, 17 anos, que estudara para cuidar de crianças, partiu em 1940.

Em julho de 1942, soube que os pais tinham sido presos com outros judeus e mandados para um campo de tra-



Um Natal em família para os Magnussons. Ola, à esquerda, morreu em um acidente de carro em dezembro de 1969, um fato trágico que mudou o curso de muitas vidas.

balhos forçados. Mais tarde, naquele ano, a mãe lhe escreveu para contar que o pai morreria. Hilde recebeu da mãe uma última carta, de 8 de janeiro de 1943. E não muito depois soube que a mãe fora deportada para Auschwitz. Nunca mais teve notícias dela.

Após a morte dos pais, Hilde Back decidiu se tornar professora. “Queria



Uma jovem professora da escola primária na Suécia, Hilde Back tomou uma decisão que transformou a vida de um menino.

dar o melhor aos alunos, mostrar-lhes como serem humanos”, diz ela.

Com interesse visceral pela educação e pelos direitos humanos, para Hilde foi natural apoiar o fundo. Mas só um ano depois ela patrocinaria a formação de um jovem queniano.

As cabras acordaram o menino. Havia cinco delas no cercado no canto da cabana de barro onde as crianças dormiam. Inquietas e famintas, as cabras espirravam, urinavam e balivam querendo comer. O menino rolou da cama – um saco de juta cheio de folhas – e ergueu os olhos para a luz fraca que se esgueirava pelas frestas do telhado feito de latas. Também estava com fome. O desjejum, mais uma vez, seria angu frio. Mas ele escondera uma banana num buraco da parede. Ia comê-la depois, quando voltasse da feira onde

a mãe, Regina, às vezes vendia os produtos da horta.

Chris Mburu, 6 anos, era o caçula de sete filhos, criança esperta e curiosa com grandes olhos amendoados que percebiam tudo de primeira. Apesar de risonho, esse menino ativo, inquieto e cheio de energia, percebia como era precária a vida da família.

A cabana que habitavam ficava na aldeia de Mitahato, num terreno arrendado de mil metros quadrados que mal era suficiente para uma horta e algumas galinhas e cabras. No decorrer da infância, todos os filhos tinham trabalhado com a mãe numa fazenda, colhendo café. Faziam uma caminhada de quase 15 quilômetros para chegar lá e outros tantos para voltar. Um dia de trabalho rendia dois xelins para a família. Mas, apesar do esforço, a vida deles afundava cada vez mais na pobreza, e o pai partiu para Mombaça na esperança de arranjar emprego.

Nesse dia, enquanto Chris e a mãe levavam as hortaliças para a feira, Regina ouviu as mulheres falando de uma nova pré-escola chamada Ndithiati. Fundada por europeus, sua meta era atrair os alunos mais pobres dentre os pobres – e não se cobrava nada por isso.

Se pobreza era o critério, a família Mburu atendia às especificações. Regina foi procurar as autoridades da escola e apresentar o filho de 6 anos. Chris foi aceito.

Assim, durante um ano maravilhoso, Chris frequentou Ndithiati. “Lá, tínhamos arroz, mingau e açúcar”, lembra ele, com um grande sorriso. A escola fornecia alimento não apenas para o corpo, mas também para sua mente ágil. Ele descobriu que adorava aprender.

Mas, com o fim daquele ano, pareceu que sua educação acabaria também. A família simplesmente não tinha dinheiro suficiente para pagar a pequena taxa cobrada para que continuasse a estudar na escola primária subsidiada pelo governo.

Como milhares de outras crianças quenianas, a pobreza e a ignorância seriam o seu destino. O menino de 7 anos perderia tudo o que passara a amar: a oportunidade de aprender, de sonhar e de um dia, talvez, ser alguém.

Nada no mundo prepararia Chris para o que aconteceu depois. A mais de 7 mil quilômetros dali, em Västerås, uma professora primária chamada Hilde Back venceu a distância e as diferenças que os separavam para alterar o rumo de sua vida.

Hilde Back abriu um envelope com um quadrado de selos coloridos no canto superior direito. Vinha da aldeia de Mitahato, no Quênia, e continha uma carta apresentando o menino com quem ela fizera parceria e cuja educação agora patrocinava. O nome dele era Christopher Ndungu Mburu, e Hilde descobriu que fora um aluno inteligente e talentoso da pré-escola Ndithiati. Agora, em 1973, estava na escola primária e, com a ajuda financeira dela (cerca de nove euros por mês), ia extremamente bem.

Mais cartas se seguiram. E fotos. Uma delas o mostrava bem-vestido, de camisa branca e calças curtas, diante de uma cabana. Estava com um sorriso imenso e luminoso. Hilde respondia às cartas. O menino respondia de volta. A correspondência duraria anos.

Certo Natal, Hilde mandou a Chris um par de sapatos novos. Para ele, que, como a maioria das crianças da aldeia, só andava descalço, os sapatos foram um milagre. Ele os calçou e correu de alegria. Criado na Igreja Católica local, Chris via essa mulher distante como um verdadeiro anjo que o resgatara. “Pouquíssimas crianças da minha escola usavam sapatos”, explica ele hoje, “e as que usavam eram de família rica. Fiquei tão empolgado que fui à escola com eles.”

Na sala de aula, sua alegria e os sapatos novos e brilhantes chamaram a atenção. Com desagrado, o professor o repreendeu:

“Você está orgulhoso demais. Fica por aí de sapatos quando outros não

os têm. Onde sua família arranhou dinheiro para sapatos se sua casa tem tantos buracos que dá para ver você na cama dormindo?”

Na sociedade hierárquica da aldeia, os professores são senhores. O menino se sentiu humilhado pelas palavras do professor. Ficou com vontade de jogar fora os sapatos novos e se esconder. Foi a mãe que insistiu para que ele não se curvasse. Os sapatos eram dele. O professor estava errado.

Era preciso coragem para qualquer aluno, ainda mais pobre, desafiar o professor. A expulsão era sempre o maior dos temores. Mas Chris voltou

católico Rainha dos Apóstolos, em Nairóbi, só para rapazes. O patrocínio constante de Hilde Back pagava o alojamento e a alimentação.

Em 1979, depois de uma década de patrocínio, Hilde e Chris perderam o contato. Chris foi envolvido pelos acontecimentos tumultuados do Quênia. O governo democrático desmoronava. Os quenianos instruídos, principais alvos do presidente Daniel Arap Moi, clamaram contra a supressão do governo.

Chris estava no último ano do ensino fundamental quando a ameaça política o atingiu. Um primo distante

No Quênia, naquele período, era perigoso ser jovem, instruído e defensor de mudanças políticas.

à escola com sapatos e os usou com orgulho na igreja todo domingo.

Os sapatos novos deram ao menino uma razão para se destacar na multidão e ser forte. O patrocínio de Hilde Back na escola lhe dera a oportunidade de desenvolver a inteligência natural e canalizar de forma útil sua considerável energia. Tudo isso era uma preparação para os desafios ainda maiores que o esperavam.

A coragem de continuar

Chris passou com louvor no exame para a escola secundária. E, em 1980, com 14 anos, foi para o seminário

e mais velho, que ele muito admirava, professor da Escola de Formação de Professores de Ciências do Quênia e ativista pela mudança democrática, foi detido e passou três anos preso.

A injustiça da prisão deixou Chris chocado. “Vi aquele homem bom ser levado embora algemado”, recorda. O primo resistiu bravamente às falsas acusações e à agressão pessoal.

“A luta tem de continuar”, disse-lhe o primo. Chris guardou profundamente essas palavras. Agora tinha uma direção para canalizar sua energia e uma causa pela qual lutar: os direitos humanos.

Chris entrou na Universidade de Nairóbi e se formou em Direito na turma de 1990, com especialização em direitos humanos. Naquela época, os movimentos jovens começavam a abalar regimes autoritários no mundo todo. No Quênia, naquele período, era perigoso ser jovem, instruído e defensor de mudanças políticas.

Chris era tudo isso. Passou a fazer parte da *The Nairobi Law Monthly*, revista que publicava artigos de advogados e ativistas. Logo a publicação ficou mundialmente conhecida, enquanto enraivecia Moi e seu partido. Em 1991, a Associação Mundial de Jornais concedeu à revista o cobiçado prêmio Gold Pen of Freedom (Caneta de Ouro da Liberdade). O prêmio seria entregue ao editor em Atenas, atraindo atenção internacional.

As autoridades quenianas tomaram providências. O editor da *Monthly* foi preso por perturbação da ordem e teve o passaporte confiscado. Nada de editor. Nada de cerimônia. Nada de prêmio. Ou assim pensavam as autoridades do partido de Moi.

Chris resolveu agir por conta própria. Em segredo, embarcou num avião para Atenas e recebeu o prêmio em nome do editor. Quando voltou ao Quênia, as autoridades estavam preparadas. Seu passaporte foi confiscado e ele passou a ser seguido pela polícia em toda parte. Achou que era apenas questão de tempo até que se reunisse ao primo e ao colega na prisão queniana.

Mas a presença solitária de Chris em Atenas lhe trouxe recompensas

inesperadas: o estudante de 25 anos estava sob os refletores internacionais. A Anistia Internacional e outras entidades de direitos humanos intercederam a seu favor. Seu passaporte foi devolvido. E bem a tempo, pois ele obtivera uma bolsa da Fulbright para estudar na Escola de Direito de Harvard. De repente, o mundo se abria para o menino de aldeia do Quênia.

Diante do inimigo

Em 1993, Chris se formou em Harvard, com especialização em direitos humanos. O faminto menino de aldeia patrocinado por Hilde Back fora muito além dos sonhos da família. Ele trabalhou em várias entidades de defesa dos direitos humanos e acabou contratado pela ONU como negociador de paz, treinado para defender os que não podiam se defender sozinhos.

Durante a década de 1990, Chris viajou pelo Terceiro Mundo, organizando iniciativas de órgãos de auxílio em nome dos refugiados. Esteve na Baía de Guantánamo trabalhando pela ONU com refugiados haitianos. Lá, conheceu Leslie Cummins, colega canadense defensora dos direitos humanos que, em 2003, se tornaria sua mulher e mãe de seus três filhos. Mas, durante nove anos, eles mantiveram um relacionamento interrompido pelas viagens de Chris aos países africanos dilacerados pela guerra.

Em Serra Leoa, no fim da década de 1990, em meio a uma guerra civil, Chris viu cabeças em estacas como aviso à população. Cadáveres inchados flutuavam na baía ao lado do

único campo de golfe do país. Essas atrocidades costumavam ser obra de jovens soldados, garotos de aldeia que não haviam tido a sorte dele.

Na virada do século, depois de assistir a tanta carnificina, a energia e o bom humor de Chris se foram. No outono de 2001, ele voltou ao Quênia para assumir um emprego como pesquisador na região africana dos Grandes Lagos – e retornou a Mitahato, a aldeia de infância.

Ao avançar pela multidão de crianças descalças que, cansadas, seguiam as mães para colher café, ficou horrorizado ao ver como quase nada mudara.

tiga benfeitora, e começou uma nova correspondência. Ela aprovou o plano de fundar um programa de bolsas em sua homenagem chamado Fundo de Educação Hilde Back. Isso ajudaria crianças inteligentes de famílias quenianas pobres a frequentar a escola.

A ideia de Chris era criar uma geração de líderes imbuídos de respeito pela vida humana. Ele usou as próprias economias e doações de amigos e familiares como capital inicial. A cerimônia de inauguração do fundo foi marcada para maio de 2003, em Mitahato – e Chris insistiu para que Hilde comparecesse.

Na virada do século, após assistir a tanta carnificina, a energia e o bom humor de Chris se foram.

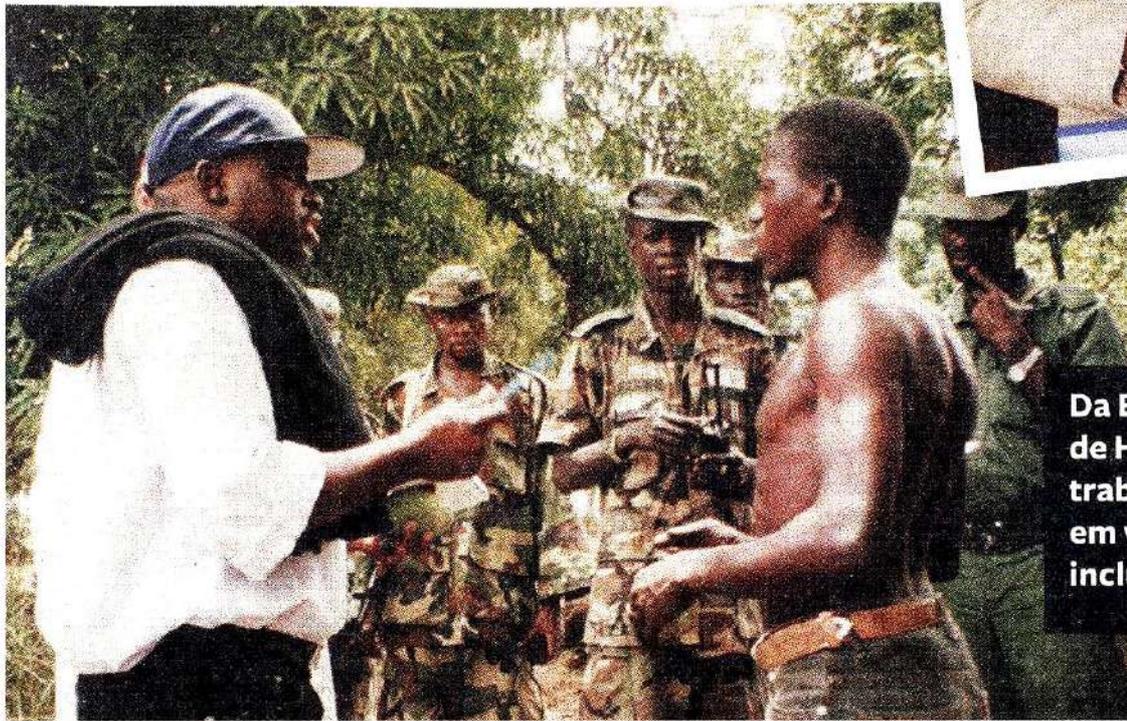
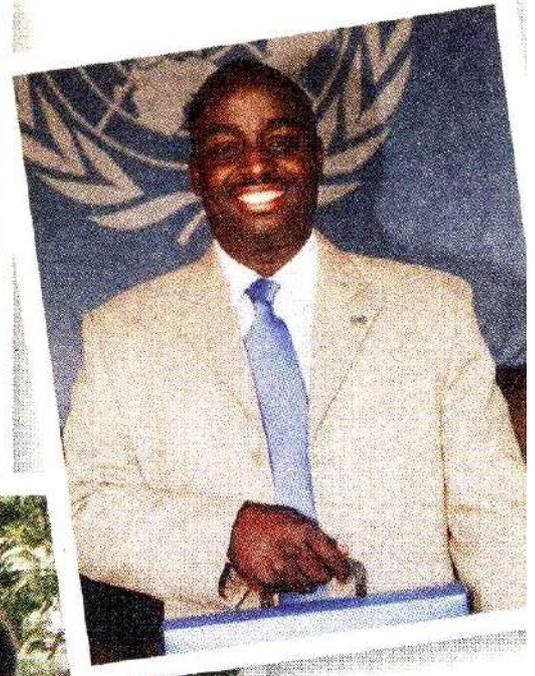
Nos rostos à sua volta, Chris viu as mesmas marcas de pobreza e desamparo que vira em toda a África. Eram essas as condições que permitiam que homens cruéis transformassem crianças em assassinos. Mas como romper o ciclo de desespero?

A resposta veio a Chris com clareza absoluta. Ele faria pelas crianças o que o Fundo Ola fizera por ele: mandá-las para a escola.

Com energia típica, Chris mergulhou nessa iniciativa. Por meio da embaixada sueca em Nairóbi, entrou em contato com Hilde Back, sua an-

Ele a esperou no aeroporto de Nairóbi. Vestido com um chapéu de safári branco, segurando o cartaz com “HILDE BACK” em grandes letras pretas, ele tremia de nervoso. Ela gostaria do Quênia? Gostaria dele? “Eu estava ansioso para conhecer a mulher que mudara minha vida.” Ele se sentia uma criança prestes a ver a mãe havia muito desaparecida.

Então, lá estava ela: uma mulher miúda, de cabelo grisalho, vestindo blusa branca, suéter preto e uma jaqueta de inverno azul. Levava uma grande mala na mão e uma bolsa de viagem pendurada no pescoço. Chris



Da Escola de Direito de Harvard, Chris foi trabalhar pela ONU em vários países, incluindo a Etiópia.

correu para abraçá-la. Pegou a bagagem e envolveu a mãozinha branca com sua mão negra e forte.

Em 16 de maio, Chris levou Hilde a Mitahato para apresentá-la à sua mãe. Emocionado, observou as duas se abraçarem. No fim da inauguração, Regina ajudou Hilde a vestir a tradicional roupa quicuia, tornando-a uma anciã da tribo. E o fundo com seu nome começou um novo ciclo de doações.

Um filho perdido, um filho encontrado

No 85º aniversário de Hilde, em 2004, Chris viajou até Västerås para comemorar com sua benfeitora, agora

amiga querida. O apartamento de Hilde ficava no último andar de um prédio moderno na encosta de um morro. Ele tocou a campainha e foi bem-recebido. O apartamento era limpo e arrumado. Na sala de estar, vários quadrinhos extraordinários que o pai dela colecionara pendiam nas paredes. Eram lembranças pungentes que a refugiada adolescente levava da Alemanha escondidas na bagagem, 64 anos antes.

Os convidados, velhos amigos e colegas de Hilde, começaram a chegar. Hilde recebeu cada um deles com uma exuberância que camuflava a idade.



Hilde e Chris, agora bons amigos, juntos em Västerås no dia em que Hilde completou 85 anos.

A campanha tocou de novo. Era Sven Magnusson, velho amigo de Hilde e fundador da pré-escola Ndi-thiati. A convite de Hilde, fundadora, patrocinadora e aluno-modelo se reuniam pela primeira vez. Houve uma ligação instantânea com o homem distinto e grisalho. “Todo mundo na minha aldeia ouvia falar dele”, relata Chris. “No momento em que o vi, senti que o conhecia durante a vida inteira... e, de certa forma, conhecia mesmo.”

Chris soube que Sven mantivera o compromisso com as crianças do Quênia. Num hospital de aldeia, há o retrato de um rapaz com as palavras: “Em memória de Ola, menino sueco de 12 anos que perdeu a vida no Quênia. Sua lembrança levou esperança a muitas crianças quenianas.”

Mais tarde, Sven e a mulher, Karin, também adotaram duas crianças quicuias abandonadas, um menino e uma menina, hoje cidadãos adultos e bem-sucedidos da Suécia.

Houve comida, risos e tributos à mulher cujos pequenos presentes mudaram profundamente a vida de um menino queniano. Agora, os convidados é que traziam presentes: dinheiro que enfiavam numa bolsa velha que Hilde pendurara na maçaneta da porta. É claro que o dinheiro não era para ela, mas para uma nova geração de meninos e meninas do Quênia.

Em 2011, houve 165 bolsistas Hilde Back em escolas secundárias do Quênia. Este ano, mais uns 200 meninos e meninas se uniram a eles. Chris Mburu continua a trabalhar pela promoção dos direitos humanos. Atualmente é assessor-chefe de Direitos Humanos das Nações Unidas, em Ruanda.